

## SALAS MULTISSENSORIAIS NO CONTEXTO HOSPITALAR: UM RECURSO INCLUSIVO PARA QUALIFICAR O CUIDADO DE CRIANÇAS ATÍPICAS

### MULTISENSORY ROOMS IN THE HOSPITAL CONTEXT: AN INCLUSIVE RESOURCE TO ENHANCE THE CARE OF ATYPICAL CHILDREN

### SALAS MULTISENSORIALES EN EL CONTEXTO HOSPITALARIO: UN RECURSO INCLUSIVO PARA MEJORAR LA ATENCIÓN DE NIÑOS ATÍPICOS

Lorena Escramozino Silva<sup>1</sup>  
Emilly Gomes dos Santos<sup>2</sup>  
Keila do Carmo Neves<sup>3</sup>

**RESUMO:** **Introdução:** A implementação de salas inclusivas gera benefícios tanto para o hospital quanto para os pacientes, pois oferece um espaço adequado, acessível e acolhedor. Quando uma criança com TEA é recebida em um ambiente hospitalar preparado para suas necessidades, é possível transformar a maneira como ela e seus familiares percebem experiências traumáticas anteriores. **Objetivo:** Aplicabilidade de uma sala inclusiva para melhora da qualidade do atendimento às crianças com TEA. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica de caráter descritivo, desenvolvida sob uma perspectiva qualitativa, com foco na análise de produções científicas relacionadas ao objeto investigado. **Análise e discussão dos resultados:** A partir dos artigos selecionados, emergiram na análise dos dados de duas categorias temáticas. 1- Salas inclusivas como ambiente de motivação e acolhimento- Pois crianças autistas tendem a ser hipersensíveis a barulhos, luzes e toque, por isso o hospital pode ser um espaço de muitos desafios, visto que, é um ambiente que dispõem de todos esses mecanismos. 2- Papel do Enfermeiro na promoção de salas inclusivas e ambientes multissensoriais para crianças com TEA- No âmbito da enfermagem, o cuidado direcionado a pacientes com TEA envolve demandas específicas que requerem dos profissionais não apenas domínio técnico, mas também competências comunicacionais ajustadas e uma postura acolhedora. **Conclusão:** este estudo buscou analisar a importância das salas multissensoriais no contexto hospitalar, bem como o papel do enfermeiro nesse tipo de atendimento. Por essa razão, torna-se fundamental a criação de salas multissensoriais, que proporcionem conforto e tornem a experiência hospitalar mais agradável e acolhedora. O enfermeiro exerce papel essencial na promoção de um ambiente inclusivo e multissensorial para crianças atípicas, atuando na assistência de forma a possibilitar um desenvolvimento prazeroso, seguro e eficaz.

1658

**Descritores:** Autismo. Enfermagem. Inclusão Hospitalar.

<sup>1</sup>Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem da Associação de Ensino Universitário (UNIABEU).

<sup>2</sup>Acadêmico do curso de graduação em Enfermagem da Associação de Ensino Universitário (UNIABEU).

<sup>3</sup>Enfermeira. Mestre e Doutora em Enfermagem pela UFRJ/EEAN. Pós-Graduada em Nefrologia e UTI Neonatal e Pediátrica; Docente do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da UNIG. Docente do Curso de Graduação da UNIABEU. Coordenadora de Atenção Básica do Município de Queimados-RJ. Membro dos grupos de Pesquisa NUCLEART e CEHCAC da EEAN/UFRJ.

**ABSTRACT: Introduction:** The implementation of inclusive rooms provides benefits for both hospitals and patients, offering an appropriate, accessible, and welcoming environment. When a child with Autism Spectrum Disorder (ASD) is received in a hospital setting prepared for their specific needs, it is possible to transform how the child and their family perceive previous traumatic experiences. **Objective:** To analyze the applicability of an inclusive room in improving the quality of care provided to children with ASD. **Methodology:** This study is a descriptive literature review developed from a qualitative perspective, focusing on the analysis of scientific publications related to the investigated topic. **Results and Discussion:** Data analysis of the selected studies yielded two thematic categories: (1) *Inclusive rooms as environments for motivation and comfort*—children with ASD tend to be hypersensitive to sounds, lights, and touch, making the hospital a challenging space due to these sensory elements; and (2) *The nurse's role in promoting inclusive rooms and multisensory environments for children with ASD*—nursing care for these patients requires not only technical knowledge but also adapted communication skills and a welcoming approach. **Conclusion:** This study highlights the importance of multisensory rooms in the hospital context and the essential role of nurses in this type of care. Therefore, creating multisensory rooms that provide comfort and enhance the hospital experience is fundamental. Nurses play a key role in promoting an inclusive, multisensory environment for atypical children, contributing to a positive, safe, and effective care experience.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder. Nursing. Hospital Inclusion.

**RESUMEN: Introducción:** La implementación de salas inclusivas genera beneficios tanto para el hospital como para los pacientes, ya que ofrece un espacio adecuado, accesible y acogedor. Cuando un niño con TEA es recibido en un entorno hospitalario preparado para sus necesidades, es posible transformar la manera en que él y sus familiares perciben experiencias traumáticas anteriores. **Objetivo:** Analizar la aplicabilidad de una sala inclusiva para mejorar la calidad de la atención brindada a niños con TEA. **Metodología:** Se trata de un estudio de revisión bibliográfica de carácter descriptivo, desarrollado desde una perspectiva cualitativa, con enfoque en el análisis de producciones científicas relacionadas con el objeto investigado. **Análisis y discusión de los resultados:** A partir de los artículos seleccionados, surgieron dos categorías temáticas durante el análisis de los datos: (1) *Salas inclusivas como espacios de motivación y acogida* — los niños autistas suelen ser hipersensibles a los ruidos, luces y al tacto, por lo que el hospital puede convertirse en un ambiente lleno de desafíos al presentar todos estos estímulos; y (2) *Papel del enfermero en la promoción de salas inclusivas y entornos multisensoriales para niños con TEA* — en el ámbito de la enfermería, la atención dirigida a pacientes con TEA implica demandas específicas que requieren no solo dominio técnico, sino también competencias comunicativas adaptadas y una actitud acogedora. **Conclusión:** Este estudio buscó analizar la importancia de las salas multisensoriales en el contexto hospitalario, así como el papel del enfermero en este tipo de atención. Por ello, la creación de salas multisensoriales que proporcionen confort y hagan la experiencia hospitalaria más agradable y acogedora resulta fundamental. El enfermero desempeña un papel esencial en la promoción de un entorno inclusivo y multisensorial para niños atípicos, actuando de manera que favorezca un desarrollo placentero, seguro y eficaz.

**Descriptores:** Trastorno del Espectro Autista. Enfermería. Inclusión Hospitalaria.

## INTRODUÇÃO

A implementação de salas inclusivas gera benefícios tanto para o hospital quanto para os pacientes, pois oferece um espaço adequado, acessível e acolhedor. Quando uma criança com TEA é recebida em um ambiente hospitalar preparado para suas necessidades, é possível transformar a maneira como ela e seus familiares percebem experiências traumáticas anteriores. Essa abordagem promove dignidade, acolhimento e maior satisfação, além de fortalecer a confiança no cuidado prestado pela equipe multiprofissional (Martiningo, 2022).

Conforme aponta Oliveira (2024), a existência de um ambiente acessível e inclusivo assegura um atendimento justo e equitativo, garantindo que todos os pacientes tenham acesso de qualidade — princípio essencial do SUS. Essa prática reforça a necessidade de oferecer um cuidado seguro e acolhedor, assegurando dignidade no atendimento independentemente das condições econômicas, físicas ou de saúde de cada indivíduo. Para isso, é fundamental que o espaço físico seja acessível, bem organizado e livre de ruídos excessivos, favorecendo um ambiente confortável e adequado às necessidades dos usuários.

Os conceitos de acessibilidade e inclusão caminham lado a lado, ambos voltados para assegurar um atendimento equitativo aos pacientes. A acessibilidade refere-se à criação de um ambiente que possa ser utilizado por todas as pessoas, considerando suas limitações físicas ou cognitivas. A inclusão, por sua vez, diz respeito ao cuidado prestado de forma respeitosa, humana e adequada às necessidades individuais. Juntos, esses princípios garantem a qualidade do atendimento, promovendo um espaço acolhedor, tranquilo e eficiente para todos os usuários (Oliveira, 2024).

É fundamental que a instituição hospitalar desenvolva e coloque em prática ações voltadas à diversidade, inclusão e equidade, pois esses princípios contribuem significativamente para a eficiência e a qualidade do cuidado. A inclusão favorece a valorização da criança e está diretamente associada a melhores desfechos em saúde. Um elemento central nesse processo é a capacitação da equipe multidisciplinar, que precisa estar preparada para atender e abordar crianças atípicas conforme suas necessidades e particularidades (Santos, 2024).

A internação de pessoas com TEA pode desencadear comportamentos desafiadores, já que muitos apresentam grande dificuldade com mudanças na rotina e sensibilidade aumentada ao toque. Esses fatores podem resultar em reações como agressividade, chutes, mordidas, arremesso de objetos, além de quadros de ansiedade. Tais situações contribuem para elevar o estresse e tornar a vivência hospitalar desagradável (Neves et al., 2020). Portanto, oferecer uma

estadia positiva é essencial, pois garante à criança e à família uma experiência acolhedora, aumentando a satisfação e fortalecendo a confiança no hospital e na equipe multiprofissional.

Segundo Rodrigues (2025), crianças com diagnóstico de TEA necessitam de uma rotina estruturada e podem enfrentar dificuldades para se adaptar a novas regras. No contexto hospitalar, a circulação intensa de pessoas, as mudanças frequentes de ambiente e os períodos de espera contribuem para aumentar o desconforto e a ansiedade, tornando a permanência nesse espaço ainda mais desafiadora. Esses elementos podem provocar mal-estar e desencadear comportamentos inadequados ou até mesmo autolesivos.

Indivíduos com TEA frequentemente apresentam dificuldades na comunicação verbal e sensibilidade exacerbada a sons, luzes e ao toque. Diante dessas características, torna-se essencial a criação de espaços específicos dentro do ambiente hospitalar, equipados com recursos que evitem ruídos intensos, utilizem iluminação adequada e contem com uma equipe multidisciplinar preparada para compreender e atender suas necessidades. A proposta dessas salas é oferecer um ambiente acolhedor e confortável, contribuindo para a redução da ansiedade e do estresse vivenciados por pacientes com transtorno do espectro autista (Trois, 2023).

Ao tratar da humanização na assistência à saúde, busca-se proporcionar à criança mais conforto, bem-estar e sensação de segurança. Durante a internação, ela é exposta a um ambiente desconhecido e muitas vezes desconfortável, além de procedimentos invasivos. Nesse contexto, o cuidado hospitalar não se limita à execução de técnicas, mas envolve também o uso de práticas lúdicas e a oferta de um espaço multidisciplinar preparado. Essas estratégias são fundamentais para promover o bem-estar físico e emocional da criança hospitalizada (Oliveira, 2025).

Observa-se também que os níveis de sobrecarga física e emocional, assim como o estresse vivenciado pelas famílias de pessoas com TEA, tendem a ser elevados. Isso ocorre devido à intensa demanda de tempo, atenção e cuidados que essas crianças requerem. No cotidiano, são frequentes relatos de dificuldades relacionadas à comunicação, ao autocuidado, além de quadros de agitação, irritabilidade e comportamentos inadequados, como bater as mãos, cheirar ou levar objetos à boca, fixar o olhar nos dedos, balançar o corpo e apresentar atitudes agressivas. Esses desafios podem aumentar a necessidade de atendimentos e internações hospitalares, o que, por sua vez, intensifica ainda mais a sobrecarga e o estresse dos cuidadores (Faro et al., 2019).

Segundo Magalhães et al. (2022), em locais com infraestrutura limitada ainda persistem dificuldades relacionadas à qualidade, acessibilidade e humanização dos serviços de saúde. Nesse contexto, a implantação de uma sala inclusiva torna-se essencial, pois facilita o

atendimento e promove acolhimento, inclusão e cuidado humanizado. Esse ambiente contribui para reduzir o estresse e a ansiedade — fatores que podem prejudicar a recuperação — e proporciona maior bem-estar ao paciente. Além disso, ajuda a aliviar tensões e transmite sensação de paz e segurança, oferecendo ao usuário uma nova percepção sobre o cuidado recebido.

Elementos como acessórios adequados ao público infantil, espaços hospitalares humanizados e uma iluminação apropriada são estratégias que favorecem o conforto e a satisfação das crianças durante a internação (Boaretto et al., 2023). Assim, investir em um ambiente hospitalar inclusivo vai além da garantia de acessibilidade; envolve também o reconhecimento da diversidade e o compromisso com o direito à saúde prestado de forma digna.

Com base no exposto, foi estabelecido como questão norteadora: Como o enfermeiro atua na promoção de ambientes inclusivos e multissensoriais para crianças atípicas, considerando as dimensões assistencial, educativa e gerencial, e de que forma essa atuação contribui para o desenvolvimento infantil e para a qualificação do cuidado em saúde?

Para tal, o estudo tem como objetivo geral: Aplicabilidade de uma sala inclusiva para melhora da qualidade do atendimento às crianças com TEA e ainda, como objetivos específicos: Descrever a importância de salas inclusivas e preparadas para crianças atípicas, oferecendo-lhes um espaço calmo, adaptado e estimulante. Ofertando uma sala multissensorial como forma de abrigo, dando ao paciente um local seguro, calmo e acolhedor, para que a criança explore suas potencialidades em meio ao tratamento com profissionais capacitados e preparados e Analisar o papel do enfermeiro na promoção de ambientes inclusivos e multissensoriais para crianças atípicas, destacando sua atuação assistencial, educativa e gerencial como estratégia para potencializar o desenvolvimento infantil e qualificar o processo de cuidado em saúde.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica de caráter descritivo, desenvolvida sob uma perspectiva qualitativa, com foco na análise de produções científicas relacionadas ao objeto investigado.

De modo geral, a pesquisa é compreendida como um processo sistemático, controlado, crítico e reflexivo, que possibilita tanto a identificação de novos dados ou informações quanto o estabelecimento de relações e princípios em diferentes áreas do conhecimento. Assim, representa um procedimento formal, fundamentado no pensamento reflexivo, que exige rigor

metodológico e se apresenta como caminho essencial para a compreensão da realidade ou para a formulação de verdades parciais (Lakatos; Marconi, 2017).

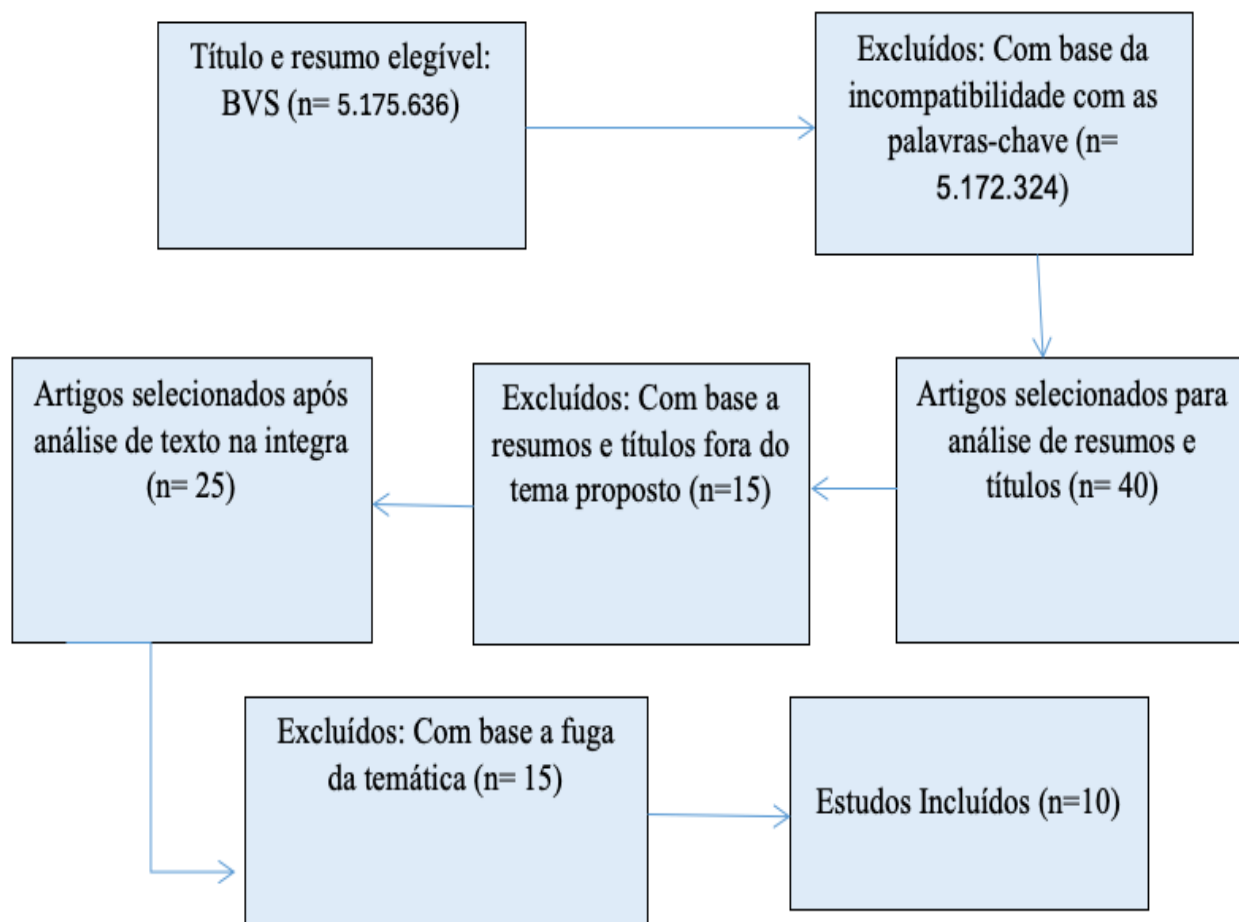
A pesquisa bibliográfica, em particular, caracteriza-se pela utilização de materiais já publicados, visando analisar múltiplas perspectivas acerca de um tema específico (Gil, 2010).

Segundo Minayo (2007), a pesquisa qualitativa abrange o universo dos significados, crenças, valores, aspirações, atitudes e motivações, explorando dimensões mais profundas das relações, processos e fenômenos, que não podem ser reduzidos à mensuração de variáveis numéricas. Inicialmente aplicada em áreas como a Antropologia e a Sociologia, em contraposição ao predomínio da abordagem quantitativa, essa metodologia expandiu-se posteriormente para domínios como a Psicologia e a Educação. Destaca-se, no entanto, que a pesquisa qualitativa recebe críticas em virtude de seu caráter subjetivo, empírico e da possibilidade de envolvimento emocional do pesquisador. Em síntese, tal abordagem contempla a análise do universo simbólico, envolvendo valores, crenças, motivações e significados (Minayo, 2010).

Para analisar a produção científica nacional referente ao protagonismo do enfermeiro na inclusão hospitalar no cuidado de crianças atípicas, realizou-se, em um primeiro momento, a busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Essa plataforma eletrônica reúne ampla coleção de periódicos brasileiros de relevância científica, sendo amplamente consultada por profissionais e pesquisadores da saúde pública, o que permite uma visão abrangente das publicações disponíveis.

As bases de dados selecionadas foram: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e Google Acadêmico. Os descritores utilizados foram: "autismo", "transtorno do espectro autista", "autismo\$", "enfermagem" e "inclusão hospitalar", combinados por meio do operador booleano AND.

# Fluxograma 1 – Seleção de estudos para revisão da literatura.



1664

**Fonte:** Produção dos autores, 2024.

Conforme apresentado no Fluxograma 1, a busca realizada no Google Acadêmico utilizando as palavras-chave selecionadas resultou em 5.175.636 resumos. Após a triagem inicial, 5.172.324 publicações foram descartadas por não atenderem aos descritores estabelecidos, restando 40 artigos para análise de títulos e resumos. Desses, 15 foram eliminados por não apresentarem relação com o tema, reduzindo o total para 25 artigos que então foram avaliados integralmente. Durante essa etapa, outros 15 estudos foram excluídos por se distanciarem da temática proposta, culminando em um conjunto final de 10 artigos utilizados na revisão da literatura.

Com base nessa avaliação inicial, foram selecionados 10 artigos que apresentavam alinhamento tanto com os descritores definidos quanto com os objetivos da pesquisa. A partir



dessa seleção, foi possível identificar a bibliografia relevante ao estudo, a qual está organizada no Quadro 1 a seguir.

**Quadro 1:** Levantamento estrutural dos artigos selecionados nas bases de dados da temática

Título/Ano	Autores/Revista	Principais contribuições
Título	Autores	Principais conclusões
ACOLHIMENTO E INCLUSÃO: ATENDIMENTO DA ENFERMAGEM HUMANIZADO DE PACIENTES COM AUTISMO 2024	Artemisa da Silva e Silva Loyana Lima Cruz Ann Caroline Nascimento Cruz (Revista Foco)	O atendimento de enfermagem humanizado e acolhedor é indispensável para promover inclusão e bem-estar às pessoas com TEA, sendo necessária a ampliação de políticas públicas e formação especializada para garantir um cuidado de qualidade e alinhado às necessidades dessa população.
HUMANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO DE ENFERMAGEM PARA CRIANÇAS AUTISTAS: UM OLHAR SOBRE ACESSIBILIDADE E O ACOLHIMENTO 2025	Clayre Angra Monteiro Holanda Evelin Castro Muniz Abensur Thyanne Sá Bezerra Guerreiro (Revista Foco)	A humanização se mostrou essencial na construção de vínculos afetivos, respeitando as particularidades das crianças autistas e suas famílias. Os cuidados centrados na escuta ativa, empatia e apoio contínuo favorecem a criação de um ambiente mais acessível e acolhedor, o que contribui para o aumento da confiança entre profissionais e famílias, promovendo, assim, um cuidado mais efetivo e inclusivo.
Assistência de enfermagem hospitalar ao paciente com Transtorno do Espectro Autista: olhar fenomenológico 2025	Mariana da Costa Barcelos Goudard Gomes Elayne Arantes Elias Lauanna Malafaia da Silva Dayanne Teresinha Granetto Cardoso Floriani Paola Nascimento e Souza dos Santos Rennan Carvalho Areas Telles (Revista DELOS)	Conclui-se que a assistência de enfermagem hospitalar prestada ao paciente autista e seus familiares foi demonstrada como humanizada, empática e qualificada.
CUIDADO SENSÍVEL: ABORDAGEM DA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) 2024	Maria Eduarda Godoi Sabeh, Aline Cristina Dias de Oliveira, Alessandro Gabriel Macedo Veiga. (Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences)	Contribuir para a construção de diretrizes e protocolos que facilitem a adaptação do ambiente hospitalar às necessidades dos pacientes autistas, promovendo uma prática de enfermagem mais eficaz, humanizada e inclusiva.
Estratégias e desafios na humanização do cuidado de enfermagem a crianças autistas em ambiente hospitalar 2025	Giovanna Sousa Serejo, Maria Gracimar Oliveira Fecury da Gama (Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences)	A humanização da assistência é fundamental para reduzir o estresse das crianças com TEA e melhorar a qualidade do atendimento, demandando investimento em treinamento profissional e mudanças institucionais para um ambiente hospitalar mais acolhedor e inclusivo.
O MANEJO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM AMBIENTES HOSPITALARES	Michelle Madalhão Rivelli Rodrigues Tiago Moreno Lopes Roberto Elimeire Alves de Oliveira	Investir em capacitação profissional, adaptações ambientais e protocolos específicos que garantam um atendimento mais acessível e inclusivo. A integração entre equipes médicas, psicólogos, terapeutas ocupacionais e



2025	(Editora Eritaya)	familiares é fundamental para assegurar um cuidado que respeite as necessidades dos pacientes autistas.
A IMPORTÂNCIA DOS CUIDADOS DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA AO PACIENTE COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. 2025	Alexsandra Francisca da Silva, Hugo Christian de Oliveira Felix, Ana Emillia de Souza Pereira, Ana Paula Alves dos Santos, Débora Sylvana Alves da Costa Barbosa, Eluana Maria Gomes Cavalcante, Geane Almeida da Silva Reis, Livia Maria Moura de Arruda, Maria Luiza Figueiredo de Souza, Samara Letícia Loureiro Mafra, Thamires Vitória da Silva Cavalcanti, Wilka Maria do Valle Santos. (Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences)	Que a enfermagem desempenha um papel crucial no manejo do TEA e que estratégias baseadas em evidências devem ser amplamente implementadas para garantir um atendimento inclusivo e eficiente.
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE AUTISTA: UM ENFOQUE NA HUMANIZAÇÃO 2019	Nair Kelly Santos José Augustinho Mendes Santos Camila da Paz Santos Valéria Pedrosa Lima (Revista de Saúde Dom Alberto)	A criança autista é um paciente que requer uma maior atenção da equipe de enfermagem. Os enfermeiros precisam elaborar estudos com o intuito de se criar cuidados e intervenções específicos de enfermagem para os autistas.
Cuidado de enfermagem à criança com transtorno do espectro autista em ambientes hospitalares: uma revisão integrativa da literatura 2025	Iasmin Danielle Bernardo de Oliveira Ivanise Gomes de Souza Bittencourt Rayssa Francielly dos Santos Alves Thaynara Maria Pontes Bulhões Ingrid Martins Leite Lúcio (AQUICHAN)	A análise dos estudos revisados destaca a importância de uma abordagem personalizada e centrada no paciente, além da necessidade de treinamento contínuo para os profissionais de enfermagem.
Cuidados ao paciente pediátrico autista em unidades de emergência hospitalar: uma revisão integrativa 2024	Vanessa Bennemann, Maria Carlota Borba Brum (Enfermagem Brasil)	Identificou cuidados aos pacientes pediátricos com autismo ao necessitarem de serviços de emergência, fortalecendo a importância da atenção personalizada e especializada.

**Fonte:** Produção dos autores, 2025.

## ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

A partir dos artigos selecionados, emergiram na análise dos dados de duas categorias temáticas.

## I. Salas inclusivas como ambiente de motivação e acolhimento

Conforme exposto ao longo do trabalho, pacientes com TEA são mais sensíveis aos estímulos sensoriais e a mudança de rotina, esses fatores, consequentemente, impactam no emocional e na experiência adquirida no ambiente hospitalar (Neves et al., 2020).

As crianças autistas tendem a ser hipersensíveis a barulhos, luzes e toque, por isso o hospital pode ser um espaço de muitos desafios, visto que, é um ambiente que dispõe de todos esses mecanismos. Para diminuir esses impactos, a enfermagem pode criar estratégias como forma de adaptação no cuidado, promovendo um tratamento e um local que proporcionem bem-estar e inclusão. (Magalhães, et al., 2020 Rodrigues et al., 2025).

Segundo Magalhães et al. (2022), apesar do aumento de casos de transtorno do espectro autista, ainda há desafios quanto ao acolhimento, acessibilidade, humanização e qualidade do atendimento, principalmente em regiões de baixa infraestrutura relacionada a área da saúde. Estudos revelam que pequenas atitudes auxiliam para promoção de um atendimento efetivo, tais como comunicação, controle/diminuição dos estímulos hospitalares, atendimento calmo (Rodrigues et al., 2017).

A hospitalização é reconhecida como um ponto sensível no cuidado infantil, sendo especialmente difícil para crianças com TEA, que podem apresentar níveis mais elevados de ansiedade diante das transições e do ambiente hospitalar. Com tudo, há uma complexidade e exige da equipe transformar esse ambiente desafiador em um ambiente inclusivo, acolhedor, seguro e confortável (Oliveira et al., 2025).

Há uma Lei de número 12.764, de 27 de dezembro de 2012 que garante o direito ao acompanhamento especializado e à atenção integral à saúde. Com oferta de um tratamento multiprofissional, com prioridade no acesso ao SUS e diagnóstico antecipado. Segundo Oliveira (2025), o cuidado da enfermagem deve ser guiado pela promoção de um ambiente adaptado e humanizado e na individualidade de cada paciente.

Ao observar um ambulatório de emergência, presenciamos um local definidos por ruídos, luzes, barulhos excessivos, máquinas, conversas e gritos, o que pode prejudicar os pacientes, pois crianças atípicas sentem, percebem ou reagem aos estímulos (luz, som, toque, cheiros, movimento) de um jeito mais intenso ou simplesmente diferente do padrão típico (Bennemann et al., 2024).

Como observado por Bennemann (2024), na assistência, torna-se fundamental lidar com a agitação e com as limitações na comunicação, empregando estratégias como a diminuição de

estímulos do ambiente capazes de causar distrações e a utilização de linguagem objetiva. Com a implementação de salas multissensoriais à redução do tempo de espera, um cuidado mais adequado e acolhedor.

## **2. Papel do Enfermeiro na promoção de salas inclusivas e ambientes multissensoriais para crianças com TEA**

No âmbito da enfermagem, o cuidado direcionado a pacientes com TEA envolve demandas específicas que requerem dos profissionais não apenas domínio técnico, mas também competências comunicacionais ajustadas e uma postura acolhedora. Muitas vezes, esses pacientes apresentam limitações para expressar de forma usual suas necessidades, desconfortos ou dores, o que pode dificultar tanto a identificação de sinais clínicos quanto a condução de intervenções adequadas. (Ramos et al., 2019).

Portanto, revela-se fundamental que Enfermeiros e equipe de enfermagem estejam preparados para atuar ofertando cuidado, atentos as peculiaridades de cada paciente com TEA, proporcionando um ambiente acolhedor, confiável e seguro (Silva et al., 2021). Concedendo um atendimento empático, humanizados e respeitando as diferenças, com adaptações da prática do cuidar, fazendo com que haja satisfação e êxito no tratamento (Azevedo, 2018).

Compreender os desafios enfrentados pelos profissionais no cuidado a pessoas com TEA e reconhecer estratégias eficazes contribui para aprimorar a qualidade da assistência e favorecer um ambiente de saúde mais inclusivo e respeitoso. Nesse contexto, destaca-se a relevância da formação e da sensibilização da equipe de enfermagem, bem como a necessidade de adaptar o ambiente hospitalar e adotar métodos de comunicação adequados. Além disso, a implementação de intervenções que favoreçam cuidados individualizados e centrados no paciente mostra-se essencial para atender às demandas específicas das pessoas com TEA (Sabeh et al., 2024).

Sob a ótica de Souza (2022), a atuação da enfermagem é decisiva no cuidado a indivíduos com TEA, abrangendo desde a identificação inicial de possíveis sinais e manifestações clínicas até a realização de intervenções que contribuam para a melhoria da qualidade de vida desses pacientes e de seus familiares (FERREIRA et al., 2023). Os profissionais da área estão inseridos em todos os níveis de atenção à saúde, desempenhando funções essenciais na promoção de um cuidado humanizado e na orientação tanto dos cuidadores quanto da comunidade acerca do TEA.

Conforme Souza et al. (2022), destaca o autismo ainda é pouco compreendido por muitos profissionais de enfermagem e ressalta a existência de instrumentos que auxiliam no seu

rastreamento. Entre eles, encontra-se a M-CHAT, aplicada rotineiramente em consultas pediátricas com todas as crianças, independentemente da presença de estereotípias ou outros indícios de TEA, tendo como finalidade identificar sinais precoces em indivíduos aparentemente assintomáticos. Esse instrumento não é exclusivo da prática médica e pode ser utilizado também por enfermeiros. A M-CHAT é composta por 23 itens respondidos pelos pais ou responsáveis e, quando o resultado ultrapassa três pontos, indica-se risco aumentado para TEA.

## CONCLUSÃO

Diante do exposto, este estudo buscou analisar a importância das salas multissensoriais no contexto hospitalar, bem como o papel do enfermeiro nesse tipo de atendimento. Pacientes com TEA apresentam algumas limitações e maior sensibilidade a estímulos como barulhos, toques e luminosidade, fatores que são comuns em ambientes hospitalares.

Por essa razão, torna-se fundamental a criação de salas multissensoriais, que proporcionem conforto e tornem a experiência hospitalar mais agradável e acolhedora. Considerando que o hospital, em geral, não é um ambiente que transmite segurança ou tranquilidade a esses pacientes, a sala inclusiva representa um espaço de acolhimento, calma, adaptação e estímulo adequado às suas necessidades. A promoção desse cuidado contribui para que o paciente e seus familiares se sintam acolhidos e mais confiantes, o que favorece o bem-estar e a adesão ao tratamento.

Conclui-se, portanto, que além da implantação das salas multissensoriais, é indispensável a presença de profissionais capacitados e preparados. O enfermeiro exerce papel essencial na promoção de um ambiente inclusivo e multissensorial para crianças atípicas, atuando na assistência de forma a possibilitar um desenvolvimento prazeroso, seguro e eficaz. O trabalho desse profissional é fundamental para garantir a qualidade e a efetividade do tratamento e da evolução do paciente.

O trabalho do profissional de enfermagem é essencial, uma vez que a equipe está na linha de frente e mantém contato direto com a criança e sua família. É fundamental que o enfermeiro esteja capacitado e preparado para atender às necessidades da criança com TEA, compreendendo suas limitações e oferecendo acolhimento por meio de estratégias lúdicas que favoreçam o êxito no cuidado.

## REFERÊNCIAS

ALEX. Cores - o uso e a importância em ambientes. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/742314438/Cores-o-uso-e-a-importancia-em-ambientes>>. Acesso em: [23 fev. 2025]

ALMEIDA, R. et al. Atendimento de crianças com autismo na atenção primária sob a perspectiva das mães. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 98, n. 3, p. e024384, 13 set. 2024.

BARBALHO, M. B. DA S. et al. Desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na hospitalização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, v. 16, n. 11, p. 26136–26154, 14 nov. 2023.

BARBOSA, Maria Angélica Sena Silva; OLIVEIRA, Mariana Leal. O papel da enfermagem no estabelecimento da comunicação terapêutica com a criança com transtorno autista. *Revista Saúde dos Vales*, v. 5, n. 1, 2024. Acesso em: 5 jun. 2025.

BEATRIZ, A. et al. *Projeto casa sensorial*. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/47159/2/Projeto%20casa%20sensorial.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2025.

CAMINHOS DO AUTISMO. Sala sensorial autismo. 2025. Disponível em: <<https://caminhosautismo.com/sala-sensorial-autismo/>>. Acesso em: 1 jun. 2025.

DE ARAÚJO FERREIRA, R. et al. COMPREENDENDO AS ALTERAÇÕES SENSORIAIS EM CRIANÇAS AUTISTAS: UMA REVISÃO LITERÁRIA. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 12, p. 694–705, 7 dez. 2024. 1670

EDUARDA, M.; CRISTINA, A.; MACEDO, G. CUIDADO SENSÍVEL: ABORDAGEM DA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA). *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 10, p. 1044–1058, 4 out. 2024.

GARCIA, S. C. M.; DO NASCIMENTO, M. A.; PEREIRA, M. Autismo infantil: acolhimento e tratamento pelo sistema único de saúde. *Revista Valore*, v. 2, n. 1, p. 155–167, 2 ago. 2017.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de Metodologia Científica - 8ª Ed. Atlas 2017

LEAHY, Robert L.; TIRCH, Dennis; NAPOLITANO, Lisa A. *Regulação emocional em psicoterapia: um guia para o terapeuta cognitivo-comportamental*. Tradução de Ivo Oliveira. Porto Alegre: Artmed, 2013.

MARTININGO, J. P.; MOREIRA, M. B. *Estratégias de atendimento a pessoas com o diagnóstico de TEA no ambiente hospitalar*. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/366386143\\_Estrategias\\_de\\_atendimento\\_a\\_pessoas\\_com\\_o\\_diagnostico\\_de\\_TEA\\_no\\_ambiente\\_hospitalar](https://www.researchgate.net/publication/366386143_Estrategias_de_atendimento_a_pessoas_com_o_diagnostico_de_TEA_no_ambiente_hospitalar)>. Acesso em: 1 jun. 2025.

MISSEL, A.; COSTA, C. C. DA; SANFELICE, G. R. HUMANIZAÇÃO DA SAÚDE E INCLUSÃO SOCIAL NO ATENDIMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 15, n. 2, p. 575-597, 13 mar. 2017.

NOX SAÚDE. Importância da Acessibilidade e Inclusão nas Clínicas e Hospitais. 2024. Disponível em: <<https://blog.noxsaude.com.br/index.php/2024/05/01/importancia-da-acessibilidade-e-inclusao-nas-clinicas-e-hospitais/>>. Acesso em: [23 fev. 2025]

OLIVEIRA, A. C. A. de; MORAIS, R. de C. M. de; FRANZOI, M. A. H. Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 33, 2019.

ONDEI, F. *Terapia de integração: conheça os benefícios da sala sensorial - Apae Diadema*. Disponível em: <<https://apaediadema.org.br/terapia-de-integracao-conheca-os-beneficios-da-sala-sensorial>>. Acesso em: [1 jun. 2025]

REVISTA FAMÍLIA, CICLOS DE VIDA E SAÚDE NO CONTEXTO SOCIAL. Disponível em: <<https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/refacs/index>>. Acesso em: [1 jun. 2025].

SANTOS, Laiury Mendes Cosme et al. Atuação de profissionais de saúde junto a crianças com transtorno do espectro autista. *Revista Nursing*, São Paulo, v. 28, n. 315, p. 9434-9437, set. 2024. Disponível em: <<https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/3283/3993>> Acesso em: 6 jun. 2025.

1671

Silva GP, Alves SDM, Melo JAL, Freitas RJM. Practice and Knowledge of the Nursing Team in Primary Care Regarding Autism Spectrum Disorder: A Qualitative Study. *Aqui-cha*. 2025;25(2):e2523

SILVA, L. de M. G.; JURDI, A. P. S.; PEREIRA, A. P. da S. Percepção sobre o processamento sensorial em crianças com transtorno do espectro autista: influências de idade, educação familiar e formação profissional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 33, 2025.

SILVA, R. S. et al. Desafios e potencialidades do cuidado de enfermagem ao binômio mãe-filho no transtorno do espectro autista. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 98, n. 1, p. e024272, 26 fev. 2024.